



JUVENTUDE RURAL NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR: MIGRAÇÃO E INVESTIMENTO NOS ESTUDOS

Nadir Zago¹ - UNOCHAPECÓ
Cristina Bordignon² - UNOCHAPECÓ

Resumo: Este trabalho parte de questões relacionadas à agricultura familiar, suas transformações, limites e desafios para as novas gerações permanecer na mesma profissão dos pais. Chama a atenção sobre desigualdades sociais no campo e suas repercussões no aumento da migração jovem e sobretudo feminina, nas últimas décadas. Uma pesquisa de campo realizada com universitários, procedentes de áreas geográficas do sul do país com forte tradição agrícola, reforça o debate atual entorno desses problemas. Os resultados evidenciam elementos das experiências dos estudantes, percepções sobre o estabelecimento do jovem na agricultura e suas perspectivas profissionais mediante a ampliação do capital escolar. Como objetivo geral, pretendemos com a pesquisa contribuir com o conhecimento sociológico acerca das configurações sociais de novos públicos que ingressam no ensino superior brasileiro.

Palavras-chave: juventude rural – agricultura familiar – perspectivas profissionais

1- Introdução

Esta proposta de comunicação tem como tema central as perspectivas dos filhos de agricultores diante das transformações pelas quais vem passando a agricultura familiar e seus efeitos na dinâmica migratória do campo para a cidade. Faz parte de seus objetivos contribuir com a produção sociológica das relações entre desigualdades sociais, juventude e escolaridade no meio rural. A produção na sociologia da educação, que trata das questões concernentes à escolaridade no contexto das famílias segundo os grupos sociais, voltou-se especialmente para a realidade urbana. A categoria jovem rural é ainda pouco conhecida (CASTRO, 2005). Predominam estudos que privilegiam, sobretudo, a dimensão do trabalho, deixando uma lacuna sobre a inclusão desses jovens nas demais esferas da vida (STROPASOLAS, 2006, p. 18).

¹ Professora aposentada da UFSC e professora Strictu Sensu - UNOCHAPECÓ

² Bolsista de Iniciação Científica - UNOCHAPECÓ

Este trabalho parte de algumas produções acadêmicas significativas nas questões aqui consideradas e de uma pesquisa de campo com universitários de instituições públicas e comunitárias, procedentes de áreas geográficas do sul do país com forte tradição agrícola, especialmente do meio oeste e oeste do estado de Santa Catarina. A análise a ser apresentada se apoiou em parte do material coletado com sete universitários (cinco do sexo masculino e dois do sexo feminino) obtido mediante uma pesquisa predominantemente qualitativa, sendo a entrevista o principal instrumento de coleta de dados. A condução da entrevista seguiu um roteiro flexível para poder incorporar informações importantes não previstas no plano inicial. Os principais eixos temáticos são concernentes às condições socioeconômicas e culturais da família, às demandas pela ampliação do capital escolar, o acesso e à permanência dos filhos no ensino superior, às trajetórias entre campo-cidade e às perspectivas sócio-profissionais dos jovens. São questões amplas que não podem ser tratadas num único trabalho. Nosso objetivo para esse encontro da região sul consiste em apresentar parte dos resultados desta pesquisa sobre o estudante universitário de origem rural para responder as seguintes questões: os jovens que prosseguem os estudos além do ensino médio são casos isolados nas suas famílias ou o ensino superior faz parte de um projeto familiar mais amplo? Que razões os mobilizam para prosseguir os estudos e quais seus projetos futuros? Suas considerações sobre a agricultura familiar e a situação dos jovens do campo na atualidade reforçam outros resultados de pesquisa? Com essas preocupações podemos relacionar os dados obtidos nas entrevistas com outros estudos que tratam da migração seletiva (especialmente jovem e com predominância feminina). Como objetivo geral, o trabalho pretende contribuir com o conhecimento sociológico acerca das configurações sociais de novos públicos que ingressam no ensino superior brasileiro.

2 - Agricultura familiar e juventude

Entre os especialistas, estudiosos e outros profissionais do assunto em questão não há uma posição unânime sobre a definição de agricultura familiar. Apoiamos-nos em Abramovay (apud STROPASOLAS, 2006, p.115) que, reconhecendo a dificuldade conceitual, “concebe a agricultura familiar como aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento”.

Conforme indicam as estatísticas (censo agropecuário), a agricultura de tipo familiar constitui no Brasil o tipo dominante de unidade de produção no campo e é ainda mais

expressiva nos estados do sul. Os agricultores familiares representam 85,2% do total de estabelecimentos no Brasil, mas apesar dessa proporção, ocupam somente 30,5% da área total. Na região Sul a agricultura familiar é representada por 90,5% dos estabelecimentos rurais, ocupando 43,8% da área e produzindo 57,1% do valor bruto da produção (VBP) regional (STROPASOLAS, 2006, p.116). Apesar dessa importante representação, estudiosos sobre as questões agrárias vêm desde longa data chamando a atenção para a crise da produção familiar e da reprodução do ofício de agricultor para as novas gerações. Na origem se podem identificar questões econômicas e sociais que incluem a escassez da terra, já bastante dividida para garantir uma nova repartição entre os membros da família, e um conjunto de outros problemas relacionados às transformações das políticas de modernização capitalista da agricultura com repercussões na manutenção da propriedade, na baixa renda dos pequenos produtores e, de modo geral, na crença de sua profissão. Desse modo, a migração dos filhos em direção à cidade tornou-se a condição mais provável.

Segundo Abramovay e Camarano (1998), nas últimas décadas ocorreu no Brasil um intenso esvaziamento no campo, principalmente de jovens em busca de melhores oportunidades de trabalho, com predominância da migração feminina para centros urbanos. Estas são duas faces de uma realidade que vem acarretando o envelhecimento da população e a masculinização do meio rural. Observam também que a queda de fecundidade no meio rural contribui igualmente para a diminuição da população camponesa no Brasil³.

O tema da migração de jovens do campo para a cidade não é novo na pesquisa sociológica clássica e contemporânea, mas conforme observa Abramovay (s.d), a migração vem ganhando maiores proporções nas últimas décadas e apresenta mudanças nas antigas características. Os dados que seguem apoiam essa observação:

Os migrantes rurais brasileiros são cada vez mais jovens e em seu interior o peso das moças é superior ao dos rapazes. Na década de 1960, predominavam as migrações na faixa etária de 40 a 49 anos. A cada década, a concentração etária das migrações foi caindo, para atingir, nos anos 1990, sobretudo o grupo entre 15 e 19 anos (CAMARANO E ABRAMOVAY, 1997). Ao mesmo tempo, as moças migram mais que os rapazes — fenômeno que atinge nos anos 1990, pela primeira vez, também o Nordeste. Em 1950, há mais moças que rapazes no meio rural brasileiro. Em 1960 a proporção entre os

³ Os autores lembram que desde 1970, quando a população rural correspondia a 44% da totalidade populacional brasileira, vem ocorrendo um intenso êxodo rural, chegando, em 1996, a 33,8 milhões de habitantes.

sexos é praticamente a mesma, para ir aumentando a cada década o predomínio populacional dos rapazes. Em 1991, o número de rapazes na faixa de 15 a 19 anos é superior em 13% ao número de moças e, na faixa de 20 a 24 anos, 12% superior. Mais recentemente, este processo de “masculinização do meio rural” vem atingindo não apenas o meio rural, mas também os pequenos municípios do interior (ABRAMOVAY, R. s.d.).

A juventude rural se encontra diante de muitos desafios e incertezas entre “sair e ficar” no campo (CASTRO, 2005). Entre as dificuldades de permanecer na agricultura há os limites impostos pela escassez da terra, da baixa renda das famílias e, conseqüentemente, de investimento na produção. Além disso, Abramovay, Silvestro, Mello, Dorigon e Baldissera (s.d.) assinalam que o desejo destes jovens de se tornarem proprietários de terra “cai conforme declina a categoria de renda considerada” enquanto “a aspiração por viver na cidade é tanto maior quanto menos promissor o horizonte de geração de renda no estabelecimento paterno”. Sendo assim, mesmo que haja o desejo de permanecerem na terra, onde são mais capacitados, partem para novos desafios em centros urbanos com o objetivo de ampliar suas oportunidades.

Existem, portanto, diferenças nas motivações dos jovens entre migrar para cidade ou permanecer na agricultura, conforme resultados de uma pesquisa em dez municípios representativos da agricultura familiar do Oeste de Santa Catarina, da qual participaram pais e filhos de 116 estabelecimentos rurais (ABRAMOVAY, SILVESTRO, MELLO, DORIGON E BALDISSERA (s.d.). As diferenças nas respostas segundo as unidades pesquisadas estão apoiadas em três estratos de renda: a) consolidadas (mais de três salários mínimos/mês/pessoa ocupada); em transição (renda entre um e três salários mínimos/mês/pessoa ocupada); c) periféricas (renda inferior a um salário mínimo/mês/pessoa ocupada). A pesquisa revela que o desejo de permanecer na profissão agrícola é maior entre os rapazes do que entre as moças, conforme também outros estudos. Entre os rapazes há uma coincidência entre o desejo almejado e o que imaginam ser seu destino provável. Mais de 2/3 querem permanecer na atividade que aprenderam com os pais, com diferenças: 38% gostam da profissão e têm a convicção de que serão agricultores enquanto 31% desejariam permanecer, mas veem dificuldades para tanto. Segundo as respostas dos rapazes, os entraves para se manterem na profissão são decorrentes da falta de capital para investimento (81%), falta de novas oportunidades de renda (40%) e falta de terra (30%). Em relação às moças, 32% desejam permanecer num estabelecimento agropecuário, mas 37% julgam provável que este seja o

destino. “Permanecer numa unidade produtiva rural, para muitas delas, é muito mais uma fatalidade que uma opção.” (p.2).

Contribuindo com esta discussão, outros autores (TESTA et alii, 1996 apud RENK, 2000) observam também que a atual crise em que vivem os pequenos produtores camponeses deriva da modernização na agricultura (que passa a “urbanizar” o campo), além de outros fatores como o esgotamento dos recursos naturais e a desvalorização da agricultura familiar no cenário do capitalismo contemporâneo, gerando prejuízos aos pequenos produtores rurais que não estão em condições de competirem com os grandes produtores.

Além do que foi explicitado por Testa et alii (1996 apud RENK, 2000), entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa por nós desenvolvida reforçam estas e outras questões relacionadas à atual crise na pequena produção e o antagonismo de classe. De um lado, os grandes produtores com reais condições de elevar a infraestrutura e a tecnologia de trabalho, bem como de um poder de barganha na compra de insumos e equipamentos modernos; de outro, os pequenos produtores com suas dificuldades de competir neste cenário do capitalismo contemporâneo. Outro fator apontado nas entrevistas relaciona-se ao crescimento do individualismo em oposição à organização coletiva dos pequenos produtores. “Cada um vive só pra si. Antes a gente ia e lutava pelo que queria”, comenta o pai de um jovem que mudou para a cidade em busca de estudo e de uma vida mais satisfatória.

Os depoimentos dos universitários reafirmaram as difíceis condições de trabalho e sobrevivência da agricultura familiar e de sua reprodução. São recorrentes as considerações de que se trata de um trabalho pesado e financeiramente pouco recompensado. Estas questões, entre outras relacionadas à cultura camponesa e à falta de lazer no meio rural, geram descontentamentos e o desejo de buscar novas alternativas nos centros urbanos, assim como uma melhor qualidade de vida do que aquela que vivem no campo, com todas as suas atuais implicações. Não ignoram os efeitos das políticas agrícolas no atual quadro de crise da produção familiar, resumindo o que Matos (2002) chama de um “processo histórico de dominação das oligarquias e de alienação política, econômica e ideológica” (p. 365).

Tais informações também são sustentadas por outras pesquisas realizadas, como exemplo a de Arlene Renk (“Sociodisséia às Avessas”), de 2000, realizada também na região oeste de Santa Catarina, relacionada mais especificamente à crise na agricultura familiar.

Como vem evidenciando a literatura consultada e os dados obtidos em campo, a realidade é complexa, razão pela qual não é suficiente se apoiar apenas na crise da agricultura familiar para explicar as novas modalidades dos processos migratórios. Uma questão

identificada por Matos (2002) sobre a saída dos jovens do campo para a cidade se deve também à busca pelo “moderno”, o que de acordo com o autor caracteriza a visão sobre o rural como atrasado ou primitivo, fazendo o jovem deste meio querer entrar nos “moldes” da juventude urbana (“moderna”) para não ser visto ou não se ver como atrasado ou “inferior”. Para isso, muitas vezes o jovem camponês busca se apropriar de novas tecnologias e do conhecimento acadêmico.

Esse trabalho parte também da tese de um afrouxamento das fronteiras entre o rural e o urbano, conforme aborda Carneiro (1998), entre outros. Para o autor, como parte da dinâmica do capitalismo e das demandas que ele sugere, campo e cidade estão cada vez mais se integrando e realizando trocas em dimensões consideráveis. A mídia tem um impacto importante nesse estreitamento de fronteiras, entre outros, pela divulgação e redefinição de valores, tornando a noção de ruralidade cada vez mais difícil de ser pensada em função das dificuldades de se definirem as características particulares de um espaço determinado. No entanto, observa que as trocas cada vez mais intensas entre campo e cidade não eliminam suas características sociais e culturais.

Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, mas isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social. [...] Não se trata, portanto, de um processo inexorável de descaracterização dos núcleos rurais, mas da sua reestruturação a partir da incorporação de novos componentes econômicos, culturais e sociais. (CARNEIRO, 1998, p. 58).

Citando Carneiro (2005), Sifuentes (2009) argumenta que o poder televisivo produz na juventude novas aspirações e desejos, o que estende suas referências a modos de viver. Na televisão predominam temas da vida urbana, e mesmo quando surgem os temas referentes ao meio rural, estes também são “urbanizados”. Outro aspecto é a própria imagem desses dois universos presentes na sociedade: ao campo é agregada a ideia de um lugar simples, singelo e harmônico, enquanto a cidade é concebida como um lugar de comunicação, conhecimento e luz. No lado oposto: ao primeiro é vinculada a ideia de ignorância, limitações e pobreza; e ao segundo, de barulho e competição, etc. (Willians, 1989 apud Sifuentes, 2009). Sifuentes (2009) discute ainda como as instâncias de socialização representadas pela mídia, além da família e da escola, influenciam o jovem na construção das representações do campo e da

cidade. No plano da família, há incentivo dos pais para que os filhos não parem de estudar e este geralmente faz parte de um projeto de mudança para uma profissão diferente daquela do campo, do trabalho árduo e de constante dependência da natureza, como mostram também os depoimentos dos universitários.

Em síntese, o jovem hoje se vê confrontado com diversas realidades, tanto em relação ao meio rural, associadas às condições concretas de trabalho e de identidade na profissão, quanto urbano e tudo o que este representa em termos simbólicos, enquanto possibilidades de lazer, renda regular, entre outros benefícios que avaliam poder usufruir. Dentre os que partem, cresce o número daqueles que ingressam no ensino superior na perspectiva de melhorar suas chances no mercado de trabalho e condições de vida, pela ampliação do capital cultural. É sobre esse grupo e suas percepções que direcionamos as páginas que seguem.

3 - O ensino superior no horizonte dos jovens

Segundo o Censo da Educação Superior 2010, o número de matrículas de 2001 a 2010 aumentou em 110,1%, com um total de 6.379.299 matriculados em 2010 em cursos de graduação – mais que o dobro do número de matriculados em 2001. A partir do Censo, isso ocorreu por inúmeros motivos, sendo alguns deles: a busca por trabalho especializado decorrente do crescimento econômico no país e das políticas públicas de incentivo ao acesso e permanência no Ensino Superior (ampliação de vagas, Fies⁴ e o ProUni⁵, por exemplo). Sinaliza ainda outras modalidades de ensino no cenário contemporâneo, como é o caso dos cursos de menor duração, conhecidos por tecnológicos, e das universidades à distância, que apresentam 14,6% do total de matrículas.

Outro dado apresentado pelo Censo 2010 diz respeito à faixa etária dos inscritos no Ensino Superior, tendo os alunos de cursos presenciais uma média de 26 anos, e os de cursos à distância, 33, o que sugere que a modalidade de ensino a distância atrai aqueles que já estão empregados e necessitam de uma maior flexibilidade de horários e dá oportunidade de acesso ao Ensino Superior àqueles que não tiveram quando mais novos. Ainda em relação aos turnos, de acordo com o Censo 2010, de 2000 a 2010 vem ocorrendo um aumento progressivo no número de matrículas em cursos noturnos, com mais expressividade nas instituições privadas,

⁴ Financiamento Estudantil

⁵ Programa Universidade Para Todos

que alcançam, em 2010, 72,8% das matrículas. Neste mesmo ano, é superior o número de matrículas em relação ao sexo feminino (57,0%) e o mesmo ocorre para o número de concluintes do Ensino Superior (60,9%).

Apesar dessas mudanças, sabemos que no país é baixa a proporção da população na faixa etária de 18-24 anos inscrita no ensino superior. Em 2007, segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio, da população nessa faixa etária, apenas 13% estava inscrita no ensino superior. Em relação ao grau de escolaridade da juventude rural, este é 30% inferior ao da juventude urbana. (CUNHA, 2011). Como observa Cunha (2011), o acesso ou não do jovem ao Ensino Superior está também relacionado ao nível de escolaridade dos pais e à renda da família. “Nesse sentido, o ensino superior público acaba funcionando como o instrumento possível para superar as desigualdades ou para diminuir a iniquidade no sistema educacional.” (CUNHA, 2011, p. 265).

Diante destes dados, fica a pergunta: quem são os jovens entrevistados que migraram do campo e estão na universidade? Que sentido tem o ensino superior em seus projetos de vida? Para responder essas questões priorizamos entrevistas de 7 estudantes, 3 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, com idade entre 20 e 25 anos. Assim como revelam pesquisas com jovens de meios populares, todos estudam e trabalham desde o ensino básico, cursado na rede pública. São estudantes que não foram reprovados no ensino fundamental e médio e esse resultado sugere ser um elemento mobilizador à continuidade dos estudos. São estudantes dos cursos de Agronomia, Psicologia, Ciências Biológicas e Geografia. Seus pais são agricultores em unidades de produção familiar tendo como principal atividade de renda a produção de leite. A faixa etária dos pais se situa entre 47 e 62 anos e das mães entre 47 e 53 anos. São famílias com até quatro filhos (três com quatro filhos, duas com três e duas com dois filhos), portanto com uma prole menos numerosa do que há algumas décadas, seguindo uma tendência estatisticamente demonstrada. Quanto ao grau de escolaridade, a maioria dos pais cursou até a 4ª série do ensino fundamental (quatro pais e quatro mães), dois pais cursaram até a terceira série e quatro até a 8ª série, deste último três são mulheres. Os dados apresentados, ainda que obtidos em um número reduzido de famílias, são significativos se considerarmos que não há casos de analfabetismo e que na geração dos pais já se nota uma tendência de prolongamento escolar, sobretudo em relação às mulheres.

O que chama a atenção nesse grupo de estudantes é que o ingresso no ensino superior não constitui uma estratégia de apenas um filho, mas se estende, na maior parte dos casos, para o conjunto dos irmãos e irmãs. Considerando o total de 19 filhos e filhas desse grupo de

sete famílias, em idade correspondente ao final do ensino médio e mais, a grande maioria ou 14 deles, ingressaram no ensino superior, e cinco frequentam ou concluíram o ensino médio.

Várias hipóteses podem ser levantadas para explicar essa tendência de maior escolaridade nesse grupo de família, quando se tem informações do baixo nível de instrução no campo, sobretudo nas famílias de baixa renda. Da análise realizada, os pais aparecem como pessoas importantes ao mobilizar seus filhos a investir nos estudos. Além do pai ou da mãe, os irmãos que galgaram patamares mais elevados de escolaridade tendem a estimular os demais para seguir o mesmo caminho. Os entrevistados cursaram o ensino médio na cidade e tem uma rede de relações com jovens da mesma faixa etária da comunidade de origem e colegas da cidade e como eles, fazem projetos de mudanças. Este dado da realidade indica que além dos problemas estruturais que pesam sobre a agricultura, não se pode desconsiderar como elementos pertinentes desta análise a redução das fronteiras entre o rural e o urbano, conforme lembrado anteriormente, mas também a ampliação das políticas educacionais de acesso ao ensino, em todos os seus níveis, e as maiores exigências educacionais no mercado de trabalho urbano. Portanto, pode-se identificar fatores tanto internos quanto externos à família. Como observou esta estudante de Biologia:

Agora ficou mais fácil de estudar do que quando eu comecei há cinco anos, agora tem várias faculdades aqui, tem a federal. O ensino médio onde eu fiz, no interior, não se trabalhava essa parte do vestibular. Quando eu falei que eu ia fazer, eles não estavam preocupados com isso. Eu fiz porque já tinha minha irmã na faculdade....

Durante a pesquisa de campo alguns entrevistados fizeram um breve levantamento de quantos jovens, da sua localidade rural de origem, permanecem no campo. O número é sempre baixo, e os que saíram continuam estudando ou trabalhar na cidade. No quadro destas questões aqui levantadas, destacamos relatos de dois universitários, um do sexo masculino e outro feminino, sobre temas que interessam particularmente aos objetivos deste trabalho: 1) a agricultura familiar na contemporaneidade e o êxodo dos jovens nesse contexto; 2) o prolongamento dos estudos como parte de suas perspectivas de trabalho e de vida. A escolha destes depoimentos se justifica por condensarem questões que foram recorrentes entre os demais entrevistados.

3.1 - O ensino superior: em busca de novas possibilidades

Pesquisas em educação voltadas para os casos de estudantes que rompem com a tradição de reduzida escolaridade no seu meio de origem (filhos de famílias de baixa renda e capital cultural) datam dos anos 1990. A pesquisa em curso segue essa tendência, mas direciona o estudo para um grupo de universitários de procedência rural e de unidades da agricultura familiar. Nesta parte do texto destacamos partes de duas entrevistas para ilustrar as percepções sobre o trabalho na agricultura, a migração e os estudos nas perspectivas dos jovens.

O estudante e o contexto familiar. Matriculado na 10ª fase do curso de agronomia em uma instituição do sistema Acafe de ensino superior, este universitário tem 22 anos, é o primeiro filho da família e tem um único irmão. Seu pai tem 50 anos e estudou até a 4ª série, e sua mãe tem 45 anos e estudou até a 8ª série do ensino fundamental. São agricultores integrados à agroindústria na produção de suínos e gado de leite. Coursou todo o ensino fundamental e médio na rede pública e nunca foi reprovado. Até sair da casa dos pais (após o vestibular) estudava trabalhava, como universitário, estuda e faz estágio remunerado.

Ensino superior. Segundo seu depoimento, o grupo de colegas de escola exerceu uma influência importante na sua decisão de prestar vestibular, mas atribui que foi do seu pai que recebeu o maior estímulo para continuar os estudos. Comenta:

O meu avô pediu pro meu pai se ele queria estudar ou trabalhar, ele decidiu ficar em casa trabalhando. Hoje ele me diz que se arrependeu. Até minha mãe também, só que a minha mãe eles não tinham condições. Hoje ela faz EJA, ensino médio. Ele sempre falou que um cara sem estudo tem dificuldades, sem estudo você não tem futuro nenhum, entende! O meu pai sempre quis que eu fosse fazer faculdade, me incentivou por causa dessas dificuldades que eles têm, serviço judiado... Ele vê assim que com estudo você tem uma facilidade maior, porque eles se judiam bastante com o serviço pesado. Primeiro eu não pensava que era bem assim e depois fui vendo como são as coisas, pelo amadurecimento....

Condição do agricultor e perspectiva dos jovens.

A juventude quer sair de casa, entende! Dificilmente você segura a juventude no campo. Na cidade mesmo ganhando 500, 600 reais, o

jovem não quer ficar no meio da roça... Se não fosse a produção do leite teria uma pobreza enorme na agricultura hoje, pelo menos na nossa região. Só que o leite você precisa ficar o dia inteiro em casa, tirar o leite de manhã, de noite... Ai o jovem não pode sair, se divertir numa festa, num baile, numa coisa assim. O jovem prefere sair, chega na cidade e fica livre, trabalhou às 8 horas dele, chega em casa folgado, não tem esse compromisso.

Na decisão do jovem o lazer conta bastante e o desejo de autonomia financeira também. Você quer ser mais livre, ter férias, ter 13 ° terceiro. No meio rural o homem do campo não é valorizado, tanto na questão de preço que oscila muito. Quando você tem produção, não consegue vender o teu produto por um preço que talvez nem cubra o teu custo de produção. Você fica no prejuízo. Quando você não tem produto pra vender o preço está lá em cima. É muita oscilação. Teria que ter um incentivo maior, muita coisa teria que ser valorizada. O problema está na política, na minha opinião.

Perspectivas após o ensino superior. O que pensa quando concluir o curso? “Primeiro eu quero procurar emprego, depois talvez tentar um mestrado, mas agora eu queria tentar um emprego e me sustentar”. Não pretende voltar no campo?

Não, sendo bem sincero (riso). Não é que eu não queira voltar, mas eu vejo o mundo com maior facilidade aqui, o cara fica mais livre, consegue ter maior lazer. Mas pode também consorciar os dois: ter um negócio na cidade e administrar uma propriedade rural (...). Eu queria voltar pra casa, mas com o meu pai a gente sentou e conversou e ele me estimulou a não voltar, ele vê que tem maior facilidade aqui fora, lá eles ficam mais preso.

Na entrevista acima como na que segue, fica evidente o papel da família na mobilização dos filhos para investir nos estudos, assim como a baixa crença dos jovens no futuro da profissão dos pais. Os estratos selecionados a seguir partem de constatações já mencionadas referentes à migração seletiva, especialmente jovem e em maior proporção feminina, que vem assumindo proporção crescente nas áreas de predomínio da agricultura familiar do sul do País (STROPASOLAS, 2006, p. 173). Os depoimentos são testemunhos de uma jovem que tem no seu horizonte futuro uma mudança social associada ao ensino superior.

A estudante e o contexto familiar. O relato que segue é de uma estudante do curso de Ciências Biológicas, 22 anos, três irmãs. Das quatro filhas do casal, somente uma parou de estudar ao concluir o ensino médio. As demais prolongaram seus estudos: uma concluiu o

ensino superior e duas são universitárias. Na agricultura permaneceram somente os pais. Como todos os entrevistados, durante todo o ensino fundamental e médio, cursado em escola pública, trabalhava na agricultura familiar. Saiu da casa dos pais aos 17 anos quando prestou vestibular. Toda sua trajetória - do ensino básico ao superior - representa um caso típico da categoria de trabalhador-estudante, diferente daquela do estudante-trabalhador (Foracchi, 1977).

Prolongamento dos estudos e perspectivas dos jovens. Segundo a estudante, foi o pai o maior incentivador para que as filhas estudassem.

Desde o começo, quando fiz vestibular, ele estimulou todas nós. Ele não estudou e sempre disse 'não quero que vocês cometam o mesmo erro que eu'. Sempre comentava que quem já tem a terra ou bens, é bem mais fácil ficar no campo e nós que não temos nada, não tem como comprar terra, começar uma vida. Então pra nós era melhor estudar e começar uma vida um pouco diferente. Agricultura nem sempre dá. O meu pai sempre dizia 'vocês vão estudar'. Daí eu acho que foi isso que fez nós... que nem a minha irmã mais velha, ela casou com 21 anos, mesmo assim casada, o meu pai queria que ela estudasse. As três mais novas, ele sempre apoiou, nem deixou parar. Eu nem tinha terminado o ensino médio já fiz vestibular... Ele apoiou muito e fez que a gente também parasse pra pensar. A mãe também sempre apoiava. A vó sempre questionou que nós ia deixar eles abandonados. Agora que ela entendeu a importância que isso tem, disse que fizemos certo.

A decisão de partir e as perspectivas após o curso superior.

Passei no vestibular e pensava: agora vou sair do campo e ir pra cidade. Eu pensava assim: eu ficar aqui vou fazer o que depois? Vou casar, ter filhos, vou ter uma família, vou viver a vida inteira com isso? As moças que ficam lá, no máximo 18 anos já estão casadas. Eu pensava, eu não quero isso pra mim. Eu sempre pensei em estudar. Antes eu pensava em voltar pra lá, agora não penso mais voltar depois de formada, quero continuar estudar, estou pensando fazer mestrado na área da Biologia.

As pessoas do campo tão vindo pra cidade, a grande maioria dos meus colegas estão aqui ou em outra cidade. A maioria trabalha em frigorífico, não foi estudar, mas uns trabalham e procuravam uma alternativa a mais, trabalham e estudam. Mas outros preferem só trabalhar....

As pesquisas mostram que existe um êxodo maior das mulheres no campo. Você concorda com isso?

Toda família do meu pai, os meus primos, nenhum saiu pra estudar, tem uns da minha idade. Tem a questão, querem trabalhar na roça, os homens puxam pra isso. As meninas não, as meninas não querem mais ter que carpir, ir ao sol, 2, 3 vezes por dia tirando leite, porque é um serviço cansativo, todo dia é aquilo, o teu mundo é aquilo. A tua visão maior que tu tem é de uma comunidade pequena. (...) Se tu parar pra pensar, as meninas lá, o final de semana delas é o quê? É sair, caminhar na rua. Tem meninas lá com 16, 17 anos, vizinhas da minha mãe, todas elas pensam em sair do campo. É a questão da liberdade que eu já falei. Se for uma pessoa que para e pensa alguma coisa, tu chega aqui (na cidade) não é uma liberdade. Aqui tu vai ter que fazer a tua vida. As vezes vem com 18 anos pra cá, vão entrar numa sadia, numa aurora, daí começam a trabalhar o dia todo, o mesmo serviço. Param e pensam, isso não é um serviço pra mim, eu não quero um frigorífico. Não é uma liberdade como elas colocam e também o maior dos casos de sair de lá é questão financeira. Não é muito fácil, quem tem plantação, é só cada 6 meses, tem que saber viver esses 6 meses com aquilo que tu colheu. Então tu não tem uma situação financeira muito boa. (...) Que futuro um jovem de 18, 20 anos teria? Se o meu pai tem pouca terra, eu tenho mais 3 irmãs. Já pensou nós ficar lá, o que nós ia fazer? Tem que pensar cedo. O pai ensinou a ter responsabilidade desde pequena. Eu acho que isso foi muito bom pra mim. Essa responsabilidade tu traz junto contigo....

O jovem e o lazer.

Na verdade lá tu tem pouca coisa. Tu vai ter um baile uma vez por mês e nunca é na minha comunidade, é mais na cidadezinha pequena também. Não tem o que fazer, isso pesa. Principalmente quando você está entrando na adolescência. Lá são sempre as mesmas pessoas. Então o que ela pensa, sair de lá e vir pra cidade, aqui vão ver pessoas diferentes, vão ter mais festas pra ir. Tem toda essa questão. Começam a trabalhar e vão ter o dinheiro delas, não vão mais depender dos pais delas, porque isso pesa. Essa liberdade que o jovem quer.

A migração dos jovens e o envelhecimento no campo.

Aqui é o lugar mais fácil para mim, tenho parentes, colegas que moram aqui. Aqui tem universidade, tem frigorífico, tem gente que mora na roça e vem trabalhar no frigorífico. Não tem o que fazer no campo. Quem está no meio rural é de idade, os jovens não ficam mais.

O meu pai diz quando nós morrer vai terminar (a agricultura). Meus pais moram sozinhos, meus tios têm filhos aqui, alguns já casaram, lá quase todos são casais ou com filhos pequenos. Tinha um casal com sete filhos, está com três, são os mais novos, mas já tem uma que já vem e as outras duas estão esperando se formar no ensino médio e vir também. É a realidade!

Uma análise do conjunto das entrevistas com os universitários revela elementos muito próximos entorno das suas experiências de trabalho e da migração e das percepções que elaboram sobre os desafios que enfrentam os jovens face o capitalismo no campo e decorrentes das transformações mais amplas da vida social rural. Eles fazem parte de uma parcela bastante reduzida da população rural vem conseguindo se manter duravelmente no sistema de ensino de na “aposta” de abrir novas possibilidades de trabalho e de condições de vida.

Considerações finais

Conforme indicamos, o presente texto aborda parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla sobre os jovens rurais no contexto da produção familiar, o ensino superior e perspectivas sócio-profissionais. Nesta direção foi possível reconhecer aproximações entre o que vem sendo discutido na produção sociológica sobre juventude no campo com os dados obtidos em entrevistas com sete universitários, grupo numericamente reduzido, porém não menos revelador das questões sociais entorno da reprodução do ofício do agricultor, da migração campo-cidade e do sentido da educação para as novas gerações. São questões diretamente imbricadas e que não podem ser ignoradas pelos pesquisadores que se interessam pelo sentido da educação e da demanda pela elevação da escolaridade para as populações do campo que historicamente ficaram excluídas do ensino superior. Além das razões que os levam a investir nos estudos, é interesse da pesquisa ampliar o conhecimento sobre as condições, materiais e simbólicas, de acesso e permanência no meio acadêmico. Este objetivo representa outro passo da pesquisa e da socialização dos seus resultados.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M.; CORTINA, N.; BALDISSERA, I. T.; FERRARI, D. TESTA, V. M. **Juventude e agricultura familiar: desafio dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998. 104 p.

ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M. L.; MELLO, M. A. de; DORIGON, C.; BALDISSERA, I. T. **Agricultura familiar e sucessão profissional: novos desafios**. <http://www.gp.usp.br/files/denru_sucessao.pdf>. Acessado em 26.02.2012.

ABRAMOVAY, R. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial**. Disponível em: <<ftp.sp.gov.br/ftpinstitutodeterras/abramovay.doc>>. Acessado em: 20/01/2012.

BRASIL. **Censo da Educação Superior**, INEP/MEC, 2010.

CASTRO, E. G. de. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.

CHAMPAGNE, P. **Capital culturel et patrimoine économique**. In: Actes de la recherche em sciences sociales, n. 69, 1987. pp. 51-66.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 15, n. 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.

CARNEIRO, M. J.. **Ruralidade: novas identidades em construção**. Estudos Sociedade e Agricultura, 11, out., 1998: 53-75.

CUNHA, M. A. de A. Expectativas de jovens camponeses na universidade: os desafios de uma formação em nível superior. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 36, n. 1, p. 263-283, jan./jun. 2011.

FORACCHI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MATOS, A. G. de. **Desenvolvimento, autonomia e academia**. In: LIMA, D. M de A. e WILKINSON, J. (orgs). Inovação nas tradições da agricultura familiar. Brasília: CNPq/Paralelo 15, 2002.

RENK, A.. **Sociodisséia às Avessas**. Chapecó: Argos, 2000.

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

SILVESTRO, M. L.; ABRAMOVAY, R.; MELLO, M. A.; DORIGON, C.; BALDISSERA, I. T.. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Brasília: Epagri/NEAD/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001, 122 P.

SIFUENTES, L.. A recepção televisiva por jovens rurais: Um estudo sobre as representações do campo e da cidade. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Blumenau – 28 a 30 de maio de 2009.

